

O PENSAMENTO DE ADAM SMITH E A CRENÇA NA IDÉIA DE PROGRESSO

ADAMSMITH'S THOUGHTS AND THE BELIEF IN THE IDEA OF PROGRESS

Antônio Carlos de Azevedo LOBÃO¹

RESUMO

A idéia de progresso constitui o pilar fundamental sobre o qual estão assentados os principais valores da sociedade ocidental. Sua hegemonia coincidiu com a consolidação do Capitalismo no século XVIII, o que revela a existência de fortes vínculos entre essa idéia e o modo de produção desde então predominante.

Primeiramente, porque o sistema capitalista tem um caráter eminentemente progressivo. A contínua introdução de inovações e as sucessivas modificações nos produtos e nos processos produtivos acaba consolidando, perante o senso comum, a idéia de um mundo em permanente evolução. São essas constantes transformações que nutrem o paradigma de progresso.

Por outro lado, ao instalar-se, o Capitalismo rompeu com o misticismo e com o autoritarismo, que legitimavam a dominação anterior. Os antagonismos de classes, inerentes ao modo de produção capitalista, exigiam uma nova base ideológica que permitisse um nível mínimo de coesão das classes em conflito. É a idéia de progresso que vai garantir essa coesão.

Adam Smith foi, dentre os mais importantes nomes da história do pensamento econômico, quem melhor e mais vivamente representou o crescimento econômico como prova de progresso e a busca do progresso como motor do crescimento econômico. Segundo ele, é por meio do jogo do egoísmo e do interesse individual que emergem a estabilidade e a prosperidade da sociedade.

O pensamento do autor, que influenciará definitivamente as ciências sociais e econômicas, consolida a idéia de que a acumulação capitalista é a única alternativa viável para garantir o atendimento das necessidades das massas e que a burguesia é a classe portadora do projeto social que pode resultar na melhoria das condições de vida de toda a sociedade.

Palavras-chave: *Progresso, História do Pensamento Econômico, Economia Política Clássica, Adam Smith.*

⁽¹⁾ Mestre em Política Científica e Tecnológica pela UNICAMP, Professor do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas.

ABSTRACT

The idea of progress constitutes the main pillar which supports the most important values in western societies. Its hegemony coincides with the consolidation of Capitalism in the 18th century, revealing the existence of strong bonds between this idea and the production system predominant since then.

Firstly, because the Capitalist system has an exceedingly progressive feature. The continuous introduction of innovations and the consecutive modifications in products and productive processes result in the consolidation, at least in what common sense is concerned, of the idea of a world evolving constantly. These are the constant transformations that compose the paradigm of success.

On the other hand, when installed, the Capitalism broke with the myths and the authoritarianism that legitimated the previous domination system. The antagonisms between castes, inherent to the production system of Capitalism, demanded a new ideological basis to support each of the one of the castes in conflict and the idea of progress is what guarantees this ideological support.

Adam Smith was the one who best and most realistically represented economical growth as a proof of progress and the search for progress as the propeller of economical growth. According to him, stability and the prosperity of a society emerge from private interests.

This author's thoughts, which will certainly influence social and economical sciences, consolidate the idea that the capitalist accumulation is the only viable alternative to guarantee the fulfillment of the needs of masses and that the middle class holds the social project that can result in the improvement of life conditions for the entire society.

Key words: *Progress, Thought History in Economics, Classical Political Economics, Adam Smith.*

I – INTRODUÇÃO

A história de tudo que de mais importante existe no Ocidente, democracia, ciência, razão, liberdade, igualdade, justiça, religião, filosofia e assim por diante, está profundamente ancorada na crença na idéia de progresso. E Adam Smith foi, dentre os mais importantes nomes da história do pensamento econômico, quem melhor e mais vivamente representou o crescimento econômico como prova de progresso e a busca do progresso como motor do crescimento econômico. Segundo ele, é por meio do jogo do egoísmo e do interesse individual que emerge a estabilidade e a prosperidade da sociedade.

O pensamento de Adam Smith, sua visão sobre a natureza humana, a liberdade, a economia, o desenvolvimento social, constitui o

pilar sobre o qual a teoria econômica erigiu a crença na idéia de progresso, pilar fundamental da Economia enquanto ciência, e base de sustentação de todas as escolas do pensamento econômico.

Assim sendo, entender essas relações constitui não só elemento fundamental para a compreensão dos limites teóricos e ideológicos da teoria econômica, mas também dos limites e das possibilidades de sustentação das principais instituições que caracterizam a civilização ocidental.

II – O PROGRESSO COMO PARADIGMA

A certeza de um futuro luminoso, repleto de bens materiais, em que a humanidade

conseguirá, enfim, a solução para suas necessidades materiais e a almejada felicidade e serenidade espiritual, tem sido a base do pensamento tanto dos filósofos quanto dos homens comuns, na sociedade ocidental, desde meados do século XVIII até os dias de hoje.

Contrariando a lógica presente na natureza e no próprio homem, enquanto ser biológico, a civilização ocidental passou a acreditar não mais na decadência final da humanidade, mas, sim, na existência de um futuro melhor que o presente e o passado; não mais no movimento cíclico, mas no tempo linear em cujo final a felicidade será para todos.

É sobre essa certeza que estão assentados os ideais de liberdade, igualdade e democracia, pelos quais tem lutado nossa civilização, e que sustentam as instituições políticas de nosso tempo.

A idéia de progresso é a questão central deste artigo. Ou, ainda, o porquê, em determinado momento histórico, ou seja, quando da ascensão da burguesia industrial e da instauração do modo de produção capitalista, a idéia de progresso se torna hegemônica, impondo-se à idéia da decadência histórica e dos ciclos recorrentes.

A hipótese fundamental é que existem fortes vínculos entre a instauração do Capitalismo e o triunfo da idéia de progresso. Existe uma interação que se apresenta com um duplo sentido: tanto a idéia de progresso necessita das constantes transformações intrínsecas ao modo de produção capitalista, quanto o capitalismo ou, mais explicitamente, as classes dominantes capitalistas necessitam da idéia de progresso e da ideologia dele subjacente, como legitimador das relações de dominação sobre a classe trabalhadora.

Em outras palavras, a hegemonia da idéia de progresso só foi possível com o advento do modo de produção capitalista. Isto porque o Capitalismo tem um caráter intrinsecamente progressivo, que se traduz na introdução contínua de inovações. Esta necessidade de revolucionar constantemente as condições técnicas e

materiais da produção se traduz, perante o senso comum, na confirmação de que o mundo está em constante transformação, rumo a um futuro no qual as necessidades materiais serão atendidas.

Além disso, o fato de que os antagonismos inerentes ao modo de produção capitalista, que, ao instalar-se, rompe com os antigos elementos legitimadores da dominação - o misticismo e o autoritarismo - exigem uma nova base ideológica que permita um nível mínimo de coesão das classes em conflito.

É a idéia do progresso que sustenta, em última instância, a certeza de um futuro radiante para todos, certeza essa que legitima a dominação e permite, de certa forma, manter num patamar funcional as contradições do sistema e amortecer a luta de classes.

Em outras palavras, ao se colocar como portadora de um projeto social que tende a resultar no bem-estar de toda a população, a burguesia capitalista encontra, ou cria, a partir da idéia de progresso, um forte argumento a favor da acumulação.

Mas essa associação progresso-acumulação só fica plenamente estabelecida quando a ciência acaba sendo subsumida pelo capital. A partir da incorporação da ciência como meio de produção, tornando indissociável o avanço científico do desenvolvimento tecnológico, o Capitalismo consegue, além do dinamismo imprescindível à acumulação, um poderoso instrumento ideológico: as crenças na neutralidade e na racionalidade de sua tecnologia e de seu processo produtivo.

Não obstante, cabe ressaltar que, mesmo sob a hegemonia da idéia de progresso, vozes dissonantes se manifestaram. O pessimismo quanto ao futuro da humanidade esteve e está presente numa vasta bibliografia. O enorme contingente de pessoas submetidas à miséria e à fome, as freqüentes depressões da economia, o autoritarismo e a tirania de governos, o fanatismo religioso, as guerras intermináveis e os riscos de uma hecatombe nuclear têm, em determinados momentos, perturbado o otimismo quanto ao

futuro. No entanto, essas críticas, na maioria das vezes, acabam recaindo sobre os governos, sacerdotes, empresários ou sobre os próprios oprimidos.

Não são questionadas, de forma contundente, as premissas fundamentais da idéia de progresso, quais sejam “a crença no valor do passado; a convicção da nobreza e até mesmo da superioridade da civilização ocidental; a aceitação do valor do crescimento econômico e tecnológico; a fé na razão e no tipo de conhecimento científico e acadêmico que só pode derivar da razão; finalmente, a fé na importância intrínseca e no inefável ‘valor’ da vida nesse mundo” (Nisbet, 1985:320).

É importante salientar, finalmente, que, não apenas a legitimidade da dominação capitalista estaria comprometida com o abandono da idéia de progresso. Quase todos os valores fundamentais da sociedade ocidental seriam colocados em xeque com o fim da idéia de progresso como realidade histórica ou, pelo menos, do progresso como possibilidade.

Os ideais de liberdade, democracia, igualdade, soberania popular, a felicidade coletiva, a moral, a ética e a própria vida enquanto algo com sentido intrínseco somente se tornam, no Capitalismo, não apenas desejáveis, mas necessários e historicamente realizáveis, enquanto assentados sobre a idéia de progresso.

III – A ASCENSÃO DA IDÉIA DE PROGRESSO

O progresso ou, ainda a fé no progresso provavelmente seja o grande pilar sobre o qual estão sustentados os principais valores da nossa civilização. Nesse sentido, o conceito de progresso talvez seja a maior panacéia coletiva dos tempos atuais. A idéia de um tempo linear, percorrido e a ser percorrido pela humanidade rumo a um futuro luminoso, repleto de bens materiais, embora recente na história do homem, permeia as ações e pensamentos da grande maioria da população ocidental, como verdade irrefutável.

Embora ainda restrita a um pequeno número de pensadores, essa idéia começou a tomar corpo no século XVIII, mas somente pôde atingir o senso comum após o desencadear da revolução industrial no século subsequente. E não poderia ser de outra forma, uma vez que a idéia de progresso necessita das profundas e rápidas transformações de um sistema industrial dinâmico para poder ser percebida pelo homem comum.

Enquanto a base produtiva se assentava numa agricultura que se modificava lentamente no correr dos séculos, com a incansável repetição de técnicas e quantidades, de geração para geração, era praticamente impossível à humanidade conceber um outro tempo que não fosse circular. Mesmo aqueles que se dedicavam a estudar a história tinham, nos períodos cíclicos das antigas civilizações e nas sucessões dinásticas, argumentos mais poderosos a favor da circularidade do tempo do que do lento arrastar da humanidade por um tempo retilíneo a caminho de um futuro mais próspero.

Embora as principais religiões ocidentais trouxessem implícitas algumas concepções de linearidade temporal, desde a mitologia grega, passando pelo cristianismo, a idéia de um mundo inicial perfeito, a partir do qual os homens romperam sua ligação com o divino sendo, a partir daí, condenados a uma situação de sofrimento e decadência, era mais poderosa do que a fé no progresso. A morte é que, muitas vezes, representava a passagem para um mundo e um futuro melhores.

Mesmo assim, os longos séculos de construção da catedral de Notre Dame e a inabalável presença desta no dia-a-dia de cada homem são bem menos capazes de sugerir uma idéia de progresso do que as rápidas transformações do espaço urbano verificadas no século XIX. (Buarque, 1990)

O conceito de progresso pode ser entendido de duas formas distintas que, desde os filósofos gregos, passando pelos pensadores sociais do século XIX e chegando aos dias de

hoje, vêm permeando a história ocidental. A primeira delas apresenta o progresso como decorrência das virtudes morais e espirituais dos seres humanos, sendo um avanço da humanidade em direção à felicidade e à serenidade. Nesse sentido, o progresso é algo eminentemente espiritual, ou moral, independente da natureza e das “artes práticas”. É o desenvolvimento cultural da sociedade em direção à razão, à estética e às artes. Desta forma, o progresso está intrinsecamente relacionado à felicidade do homem e ao seu aprimoramento cultural e artístico, que se manifestaria publicamente por meio das suas instituições políticas.

Uma segunda visão da idéia de progresso tem como base a capacidade do homem e da humanidade de resolver os problemas materiais que são colocados pela natureza ou pela própria vida em comum. Nesse sentido, progredir significa avançar pelos caminhos do conhecimento artístico ou, fundamentalmente, científico, de forma a resolver os problemas práticos que possam perturbar o desenvolvimento do homem e da sociedade, melhorando-a, tornando-a mais perfeita.

Para o senso comum, atualmente, a distinção entre essas duas idéias de progresso não é muito clara. A ideologia predominante tende a confundir-las, a unificá-las, uma vez que apresenta a solução dos problemas práticos como condição necessária, e muitas vezes suficiente, para se alcançar a felicidade moral e espiritual.

Assentada sobre essas duas visões de progresso, tem predominado, neste século, a idéia de que a humanidade avança, passo a passo, de um passado de privações materiais e intelectuais em direção a um futuro radiante de conforto material, de conhecimentos e de felicidade. Esse é o paradigma da nossa era, poucas vezes questionado que, embora não tenha dois séculos e meio de existência, esteve presente no pensamento dos principais filósofos ocidentais, atingindo rapidamente o homem comum, até tornar-se idéia hegemônica, a conduzir a ciência, as artes, a religião e a própria filosofia no nosso tempo.

Poucas foram as vozes que se levantaram contra esse dogma. Tocqueville, Nietzsche, Schopenhauer e Weber foram alguns dentre os poucos pensadores que, diante das contradições que percebiam na sociedade ocidental, questionaram esse avanço da humanidade para um futuro melhor. De qualquer forma, a maioria avassaladora dos pensadores ocidentais nos últimos séculos acredita no progresso, mesmo aqueles que questionaram de forma disruptiva a ordem vigente, como Marx, jamais deixaram de lado a fé de que um futuro promissor estava por vir.

IV – ADAM SMITH: A ECONOMIA COMO PORTADORA DO PROGRESSO

O período que vai de meados do século XVIII até o final do século XX é marcado pelo triunfo da idéia de progresso, que se transforma no sustentáculo de idéias tais como a liberdade, a igualdade e a democracia.

Dessa forma, tanto a liberdade, a igualdade e a democracia, conceitos-chave para se entender o pensamento da época, deixam de ser apenas uma utopia, passando a ser objetivos pelos quais se deve efetivamente lutar, ideais passíveis de serem atingidos no futuro, estados alcançáveis e até mesmo inevitáveis.

Nesse sentido, a ascensão da idéia de progresso transforma as ações de uma geração, de fatos isolados em etapas, passos no longo caminho da humanidade para cumprir seus desígnios de um futuro luminoso.

Rompem-se, nesse período, os grilhões impostos pela Providência. O homem assume o papel ativo na construção de sua vida e da de seus descendentes e é a idéia de progresso que embala os seus sonhos e norteia suas ações.

O desenvolvimento das ciências e as rápidas transformações no mundo econômico passam a ser apresentados como prova inquestionável de um próspero caminho evolutivo, evidências da veracidade do progresso e da capacidade humana de melhorar a sua própria vida.

Aliás, o caráter “científico” do progresso, isto é, a comprovação da idéia de progresso a partir da existência de um desenvolvimento linear e cumulativo das ciências também acaba provocando um efeito de sentido contrário: “a economia política, bem como diversas outras ciências sociais foram literalmente erguidas sobre a rocha da fé na idéia de progresso humano de Turgot e Adam Smith e de Comte, Marx, Tylor, Spencer e muitos outros.” (Nisbet, 1985:185).

Mas, se é no desenvolvimento das ciências que a idéia de progresso encontra as provas da existência de um crescimento cumulativo e linear, comprovantes da capacidade humana de alcançar a verdade e o bem-estar, é nas rápidas transformações econômicas, vistas a partir do racionalismo iluminista, que a idéia de progresso atinge, definitivamente, o senso comum.

O individualismo, o egoísmo e o racionalismo “sacralizaram” a liberdade individual e, na mesma medida, apresentaram o progresso como algo praticamente inevitável:

“A realidade do progresso era atestada pelas conquistas do conhecimento humano e pelo domínio do homem sobre o mundo natural; entretanto, essas vitórias só seriam possíveis quando se removessem todas as barreiras à liberdade do indivíduo de pensar, trabalhar e criar. Assim, a prova do progresso era o grau de liberdade de um povo ou de uma nação.”(Nisbet, 1985:189)

A idéia do homem como ser racional e as provas irrefutáveis do avanço da razão acabam por envolver o processo econômico em uma aura de progresso e evolução lógica, desde que os indivíduos possam exercer livremente suas faculdades. Ou seja, o ideal de liberdade casa-se com a idéia de progresso ao mesmo tempo em que a idéia de progresso confunde-se com o progresso técnico e material. Desse casamento, nasce um filho dileto que, com seus escritos, traduz tal união para a burguesia da época, que

será hasteada para as gerações futuras como verdade inquestionável: Adam Smith.

A Riqueza das Nações, publicado em 1776, representa um marco na história da idéia de progresso, além de se tornar um dos pilares da construção ideológica capitalista. A importância e a influência do livro foram constatadas por Nisbet:

“Não há dúvida de que Adam Smith foi quem, entre os seus contemporâneos, incluindo Turgot e os fisiocratas, melhor e mais vivamente representou a liberdade econômica individual - o sistema de “liberdade natural”, para usar as palavras de Smith. A influência do livro foi imediata de ambos os lados do Atlântico e cresceu constantemente durante o meio-século que se seguiu a sua publicação até atingir os mais altos escalões do governo.” (Nisbet, 1985:196)

Ou ainda, como nos diz Heilbroner (1996):

“Adam Smith está escrevendo para a sua época, não para seus alunos; está expondo uma doutrina que pretende ser importante para dirigir um império, não um tratado abstrato para distribuição acadêmica. Os dragões que ele mata ... encontravam-se vivos e arfantes, embora um tanto cansados, naquele tempo.

E afinal, o livro é revolucionário. Com certeza, Smith dificilmente teria apoiado um levante que desorganizasse as classes cavaleirescas e entronizasse os pobres comuns. Mas o significado de *A Riqueza das Nações* é revolucionário, apesar de tudo. Smith não é, como se pensa comumente, um apologista do burguês empreendedor; como iremos ver, é um admirador de seu trabalho, mas desconfiado de seus motivos e consciente das necessidades das grandes massas trabalhadoras. Mas não é sua finalidade advogar os interesses de qualquer classe trabalhadora. Está preocupado em promover a riqueza pela nação inteira. E

riqueza, para Adam Smith, consiste nas mercadorias que *todas* as pessoas da sociedade consomem; note, *todas* - esta é a democrática, e portanto radical, filosofia da riqueza. Foi-se a noção de ouro, tesouros, mercadorias reais; foram-se as prerrogativas de mercadores, fazendeiros ou guildas de trabalhadores. Estamos em um mundo moderno, no qual a onda de mercadorias e serviços consumidos por todos constitui a meta, a finalidade da vida econômica.” (Heilbroner, 1996:53)

Dentro dessa ótica, a tese central de *A Riqueza das Nações* é a conciliação entre a liberdade individual e o progresso da humanidade. De certa forma, uma resposta à questão apresentada por Hobbes, que também arriscava uma crença no progresso, sob o jugo do Leviatã.

Mas a solução de Smith é mais sofisticada, além do mérito de vir ao encontro dos interesses de uma burguesia em ascensão: sem uma autoridade central e planejadora a sociedade não apenas se reproduz, mas ainda evolui em direção ao bem-estar de todos os seus membros. Uma sociedade que aparece como um enorme organismo, cujas leis gerais se manifestam por meio das leis do mercado.

Um dos pontos brilhantes da obra de Smith é, certamente, o fato de que esse progresso social decorre da busca da satisfação dos anseios de cada um, ou seja, do progresso individual de cada um de seus membros:

“Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles.” (Smith, 1983:50)

Essa célebre passagem de *A Riqueza das Nações* talvez revele, melhor do que qualquer outra, a fé do autor no progresso da humanidade. Em outras palavras, não é a benevolência que

movimenta a produção de mercadorias, mas o interesse próprio é que dirige as atividades em direção àquilo que a sociedade necessita e recompensa.

Mas o que para Hobbes levaria à própria destruição da sociedade, para Smith aparece como algo maravilhoso. Cada homem, movido por seu próprio interesse, defronta-se, no mercado, com outros também motivados pelo mesmo objetivo. Desse confronto de interesses resulta não apenas a harmonia da sociedade, mas ainda o seu progresso.

Isso porque o mercado capitalista é competitivo. Nele impera a concorrência entre os diversos produtores, que buscam produzir mercadorias que possam ser vendidas no mercado, ou seja, que melhor atendam às necessidades dos compradores. Nesse processo, melhorias na produção e nos produtos são implantadas; assim surgem novas mercadorias, enquanto outras deixam de ser produzidas.

O mercado, por meio da lei da oferta e da demanda, é o mecanismo que permite o atendimento das necessidades da sociedade, com a melhor alocação possível dos recursos necessários para tal. Ou seja, o mercado, além de provocar a melhor distribuição das mercadorias na sociedade, ainda leva, graças à divisão do trabalho, a um aprimoramento no próprio processo de produção.

Por outro lado, a fé no conhecimento científico está sempre presente na obra de Smith. E o uso da razão para o aprimoramento das forças produtivas bem como o papel do mercado como um impulsionador do conhecimento já são prenunciados pelo autor:

“Contudo, nem todos os aperfeiçoamentos introduzidos em máquinas representam invenções por parte daqueles que utilizavam essas máquinas. Muitos deles foram efetuados pelo engenho dos fabricantes das máquinas, quando a fabricação de máquinas passou a constituir uma profissão específica; alguns desses aperfeiçoamentos foram obra de pessoas

denominadas filósofos ou pesquisadores, cujo ofício não é fazer as coisas, mas observar cada coisa, e que, por essa razão, muitas vezes são capazes de combinar entre si as forças e poderes dos objetos mais distantes e diferentes. Com o progresso da sociedade, a filosofia ou pesquisa torna-se, como qualquer ofício, a ocupação principal ou exclusiva de uma categoria específica de pessoas. Como qualquer outro ofício, também esse está subdividido em grande número de setores ou áreas diferentes, cada uma das quais oferece trabalho a uma categoria especial de filósofos; e essa subdivisão do trabalho filosófico, da mesma forma como em qualquer outra ocupação, melhora e aperfeiçoa a destreza e proporciona economia de tempo. Cada indivíduo torna-se mais hábil em seu setor específico, o volume de trabalho produzido é maior, aumentando também consideravelmente o cabedal científico.

É a grande multiplicação das produções de todos os diversos ofícios - multiplicação essa decorrente da divisão do trabalho - que gera, em uma sociedade bem dirigida, aquela riqueza universal que se estende até as camadas mais baixas do povo.” (Smith, 1983:45)

O liberalismo clássico representa a consolidação da idéia do progresso, ao libertar o homem dos grilhões da Providência e ao deslocar o agente ativo das transformações do divino para o humano:

“De acordo com a visão liberal, os filósofos por muito tempo procuraram descobrir as leis que governavam o destino da natureza e da evolução do gênero humano. Por meio de artifícios insensatos - interferência divina, revelação, líderes sagrados, predestinação, harmonia preestabelecida -, ansiavam identificar os fins que Deus ou a natureza estariam procurando atingir no curso da história humana. Influenciado pela racionalidade iluminista, o liberalismo

rompeu com a visão da providência divina, que pretendia reger o itinerário histórico e o futuro dos homens, porque ela dispensava o homem do exercício da liberdade, excluindo-o da condição de sujeito do desenvolvimento.” (Xavier, 1996:111)

Ao conceber o homem como um ser individualista, livre e racional, estão dadas as condições para a crença de que esse mesmo homem possa, por meio de suas escolhas, ultrapassar situações de desconforto por suas próprias ações.

Por outro lado, a percepção de que se encontra numa situação de desconforto, ou seja, de que possui necessidades ainda não satisfeitas, cabe ao próprio homem, uma vez que possui discernimento necessário para tal e consegue imaginar uma situação melhor.

O admirável nesta concepção de mundo está na afirmação de que este mesmo homem pode, por meio de suas ações, superar os obstáculos à sua própria felicidade e, ao agir desta forma, contribuir para a felicidade geral da sociedade.

Mas, quais seriam essas ações?

O mercado é o grande agente coordenador das ações, sendo aqui entendido como “um processo movimentado pela interação das ações individuais num sistema social baseado na divisão do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção. No mercado todos agem por conta própria. No entanto, as ações de cada um satisfazem tanto às suas próprias necessidades como às necessidades dos outros. É o princípio da mão invisível.” (Xavier, 1996:113)

Uma vez que todos os agentes visam maximizar seus ganhos e, assim, satisfazer suas necessidades da melhor forma possível, cada um tem o discernimento para escolher o que mais lhe convém, considerando a qualidade do bem e seu preço. Assim, aquilo que for produzido além do socialmente necessário será rejeitado, da mesma forma que o que for de

interesse para a sociedade receberá um estímulo à sua produção.

Assim, como todos têm condições de participar desse processo, e a própria divisão do trabalho incita essa participação, todos têm condições de usufruir dos avanços dessa sociedade.

A pobreza aparece, dentro dessa óptica, como algo absolutamente pessoal. Uma vez que as condições de sucesso, e progresso, estão dadas, a pobreza advém somente para aqueles que não se submetem às regras do jogo. A preguiça, o instinto sexual exacerbado e a ignorância, atributos individuais, são os fatores que impedem o ser humano de progredir, não o sistema.

A partir de Smith, a idéia do progresso consolida-se. A crença de que o homem é capaz de, por seu próprio esforço e suas escolhas, superar situações de desconforto impregna-se na sociedade, bem como a idéia de que o egoísmo de cada um é o elemento que permite a harmonia e o progresso social.

Poucas vozes se levantaram contra essa idéia nos séculos seguintes. Pelo contrário, a partir daí, as vozes surgem em uníssono, ressaltando a capacidade da humanidade de caminhar, passo a passo, em direção a um futuro luminoso.

Condorcet, por exemplo, em seu *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano* exalta o progresso do espírito do homem como fio condutor para o progresso da humanidade bem como a sua capacidade, por meio da ação racional, de modificar a natureza e o mundo social nessa direção.

A história é apresentada como estágios, sempre superiores aos antecedentes, que vão se sucedendo no tempo: este é o quadro que

Condorcet procura retratar. É um quadro histórico, uma vez que, a partir da sociedade primitiva, o autor mostra uma verdadeira evolução da humanidade em “direção à verdade ou à felicidade”:

“Mas se considerarmos este mesmo desenvolvimento em seus resultados, relativamente aos indivíduos que existem na mesma época em um dado espaço, e se o seguimos de gerações em gerações, ele apresenta agora o quadro dos progressos do espírito humano. Este progresso está submetido às mesmas leis gerais que se observam no desenvolvimento individual de nossas faculdades, já que ele é o resultado deste desenvolvimento, considerado ao mesmo tempo em um grande número de indivíduos reunidos em sociedades. Mas o resultado que cada instante apresenta depende daquele que os instantes precedentes ofereciam; ele influi naquele dos instantes que devem segui-lo.” (Condorcet, 1993:20)

É um quadro verdadeiramente otimista, no qual os erros e a ignorância, por trás de certos acontecimentos políticos, apenas podem retardar ou suspender momentaneamente o avanço da humanidade em direção a um futuro luminoso. Erros estes que se mostram sempre indefesos diante da razão e da liberdade, valores intrínsecos ao homem, a partir dos quais ele obtém as forças necessárias para superar aqueles obstáculos e continuar sua marcha inexorável em direção ao futuro luminoso, no qual a espécie humana “liberta de todos esses grilhões ... e marchando com passo firme e seguro no caminho da verdade, da virtude e da felicidade, apresenta ao filósofo um espetáculo que o consola dos erros, dos crimes, das injustiças que ainda maculam a terra e das quais freqüentemente ele é vítima.”² (Condorcet, 1993:203)

⁽²⁾ O autor provavelmente está se referindo às trágicas circunstâncias nas quais foi escrito o “Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano”. Ao ter sua prisão decretada pela publicação de um panfleto contrário à constituição, aprovada em junho de 1793, que considerava um passo para a ditadura, Condorcet, foragido, escreve, no ano seguinte, esse texto, marcado por extremo otimismo. Imediatamente após terminá-lo é preso e morre em circunstâncias até hoje obscuras. No entanto, em 1795, a mesma Convenção que o havia condenado compra todos os três mil exemplares da obra, publicada pela esposa de Condorcet, para distribuí-los às escolas francesas. (Condorcet, 1993:8).

O mesmo entusiasmo pelo progresso pode ser percebido em Godwin, conforme passagem citada por Nisbet:

“...um grau de melhoria real e visível no mundo. Isto fica particularmente manifesto na história da parte civilizada da humanidade, durante os três últimos séculos...(a melhoria da humanidade) deitou raízes profundas, e não existe qualquer probabilidade de que algum dia isto venha a se inverter. Já foi um hábito dos moralistas elogiar os tempos passados e apontar insistentemente para a degeneração da humanidade. Mas este modismo quase que completamente desapareceu... E, como faz tempo que as melhorias continuam a se suceder incessantemente, só existe uma possibilidade - que continuem nesse rumo. A filosofia mais penetrante não lhe pode prescrever limites, e a mais ardente imaginação não pode preencher de forma adequada sua perspectiva.” (Godwin apud Nisbet, 1985:222)

Esse otimismo também está presente em Comte:

“A mim parece que o melhoramento é tão inquestionável quanto o desenvolvimento do qual procede... Considerando a raça humana como um todo e não como um só povo, parece que o desenvolvimento humano traz consigo, de duas formas, uma melhoria sempre crescente: inicialmente na condição radical do homem - o que ninguém nega, e em segundo lugar, em suas faculdades correspondentes, ponto de vista este que se leva menos em consideração.” (Comte apud Nisbet 1985:262)

Considero desnecessário aqui continuar fornecendo provas da força da idéia do progresso sobre a filosofia ocidental nos últimos duzentos anos. A crença em um avanço gradual da humanidade, rumo a um futuro luminoso está presente ainda nas obras de Kant, Stuart Mill,

Spencer, Rousseau, Saint-Simon e Hegel, dentre muitos outros. (Delumeau, 1995).

Até mesmo aqueles considerados pessimistas como, por exemplo, Malthus, acabam cedendo à força da idéia do progresso. Embora prevendo um final sombrio para o sistema, tal qual ele estava evoluindo, deixava, nestas palavras, entrever uma perspectiva de progresso:

“É uma verdade que estou receoso de que a História revele demasiadamente claro que alguns homens da maior capacidade mental se entregaram não somente a uma satisfação moderada, mas mesmo até imoderada dos prazeres do amor sensorial. Mas reconhecendo, como estou inclinado a fazê-lo, não obstante numerosas situações em contrário, que os grandes esforços intelectuais têm diminuído o império dessa paixão sobre o homem, é evidente que o povo em geral deve atingir um grau intelectual mais alto do que atualmente os mais brilhantes da espécie, antes que possa ocorrer algum desnível de forma suficientemente sensível para afetar a população. Eu não admitiria, de forma alguma, que o povo em geral tenha chegado ao fim de seu aperfeiçoamento, mas o principal argumento deste ensaio pretende colocar em um persuasivo ponto de vista a improbabilidade de que as classes mais pobres do povo, de qualquer país, sejam um dia suficientemente livres da necessidade e do trabalho para conseguir um alto grau de desenvolvimento intelectual.” (Malthus, 1996:315)

É nítida, nesta passagem, a associação do progresso com o desenvolvimento intelectual do ser humano, bem como a idéia de que ambos deveriam perdurar por algum tempo. A questão levantada por Malthus não diz respeito diretamente à evolução do espírito humano, mas à incapacidade do sistema capitalista de garantir as condições necessárias para tal. A crítica, neste caso, recai sobre o sistema e sobre o

modo de vida das pessoas, não sobre a idéia do progresso.

Da mesma forma Marx, talvez o maior crítico do Capitalismo de todos os tempos, era um ardoroso defensor da idéia do progresso. Embora acreditasse que as contradições internas do sistema acabariam levando a um estado crescente de miséria e alienação da grande maioria da população, Marx jamais perdeu a fé na capacidade do ser humano de transformar essa realidade em prol de uma felicidade geral para todos. Na verdade, a incitação à ação nesse sentido está presente em grande parte de sua obra e de sua própria vida política.

Apenas para exemplificar, cito aqui uma passagem do *Manifesto Comunista*, livro que é uma verdadeira apologia do progresso humano, desde a barbárie, passando pelo Escravismo, Feudalismo e Capitalismo até, finalmente, apresentar o Comunismo como estágio futuro superior da civilização:

“Se o proletariado, durante a sua contenda com a burguesia, for constrangido, pelas forças das circunstâncias, a se organizar como classe, se, por meio de uma revolução, tornar-se a classe governante e, como tal, varrer à força as condições de produção antigas, então, com estas condições, varrer as condições para a existência dos antagonismos de classe e de classes em geral, desse modo terá abolido a sua própria supremacia como classe.

No lugar da sociedade burguesa antiga, com suas classes e antagonismos de classe, teremos uma associação, na qual o desenvolvimento livre de cada um é a condição para o desenvolvimento livre de todos.” (Marx e Engels, 1997:46)

V – CONCLUSÃO

Desde meados do século XVIII e até os dias atuais a sociedade ocidental assistiu à

consolidação e à hegemonia da idéia de progresso. A certeza de que a humanidade é capaz de resolver os problemas materiais que lhe são colocados pela natureza ou pela própria vida em comum e avançar rumo a um futuro pleno, não apenas de bens materiais, mas também de felicidade e harmonia espiritual, constitui o pilar fundamental sobre o qual estão assentados os principais valores da civilização ocidental, os quais nortearam as ações e a vida das pessoas nos últimos dois séculos.

Idéias como liberdade, democracia e igualdade social, por exemplo, assumiram, quando inseridas no contexto da idéia de progresso, não apenas o caráter de algo simplesmente desejável, mas também de um objetivo passível de ser atingido ou, em certos casos, de uma realidade futura inevitável.

A certeza de que a Humanidade caminha, passo a passo, de uma situação inicial de pobreza material e intelectual, em direção a um futuro luminoso, no qual todos os problemas estarão resolvidos transforma o presente numa etapa, dentro de um processo no qual todos estão engajados, e responsabiliza cada geração pelo legado a ser deixado às gerações seguintes.

Assim, governantes e revolucionários, poetas, filósofos e cientistas, empresários e trabalhadores, crentes e ateus, pais e filhos viveram, sofreram, esperaram e lutaram, embalados pelo sonho de estar construindo um futuro melhor, se não para si, ao menos para as próximas gerações.

Embora tenha em seu núcleo fundamental uma idéia excessivamente abstrata e abrangente, a idéia de progresso se consolidou e se tornou hegemônica.

A questão fundamental é como o modo de produção capitalista conseguiu se tornar, perante o senso comum, o verdadeiro portador do progresso ou, ainda, como conseguiu investir-se da própria idéia de racionalidade, e, assim, se tornar portador de uma razão inquestionável.

A resposta pode ser encontrada no desenvolvimento das forças produtivas capita-

listas, com a utilização de uma tecnologia inculcida de racionalidade e conhecimento científico e na constituição de uma ciência, a Economia Política, que o explique.

Essa forte interpenetração entre a Economia Política e o objeto de seu estudo, a economia em si, transfere a esta última e, por conseguinte, ao sistema que a produz e utiliza a mesma justificativa ideológica que suporta o conhecimento científico. A economia real passa a se revestir assim, tal qual a sua ciência, de um caráter objetivo e verdadeiro, o que acaba por garantir ao Capitalismo e à sua classe dominante a auréola de racionalidade e neutralidade de seu processo produtivo e de sua tecnologia.

Nesses termos, a crença na idéia de progresso é a chave para o entendimento dos principais valores da nossa civilização na medida em que é sobre ela que foram erigidas as instituições que governam a nossa vida. Assim sendo, analisar o momento de constituição de Economia Política como ciência, no bojo da consolidação do Capitalismo enquanto sistema hegemônico, é crucial para entender o desenvolvimento não só do pensamento econômico subsequente mas, também das bases do pensamento e das instituições que constituem a nossa civilização.

No entanto, neste início do século XXI, a fé ocidental na idéia de progresso está, aparentemente, declinando rapidamente em todos os níveis e esferas. As razões para isso tem menos a ver com as guerras mundiais sem precedentes, o totalitarismo, as crises financeiras intermitentes e outros grandes problemas políticos, militares e econômicos peculiares aos séculos passados, e mais com a erosão fatal das premissas essenciais, sobre as quais a idéia de progresso tem repousado nesses séculos de sua história.

Entender a constituição dessas premissas e avaliar seus limites dentro do atual quadro econômico, político, social e filosófico passa a ser fundamental para o entendimento dos limites da própria civilização ocidental.

VI – BIBLIOGRAFIA

- BIANCHI, A. M. *A Pré-História da Economia: de Maquiavel a Adam Smith*, São Paulo, Hucitec, 1988.
- BUARQUE, C., *A Desordem do Progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- CHAUÍ, M., *Convite à Filosofia*, São Paulo, Ed. Ática, 1994.
- COMTE, A., *Curso de Filosofia Positiva*, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- CONDORCET, J. A. N. C., *Esboço de um Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano*, Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
- DELUMEAU, J., *Mil Anos de Felicidade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- DESCARTES, R., *Discurso do Método*, São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- DOBB, M., *A Evolução do Capitalismo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- DURANT, W., *A História da Filosofia*, Rio de Janeiro, Nova Cultural, 1996.
- FURTADO, C., *De la Ideología del Progreso a la Ideología del Desarrollo*, The United Nations University, 1981. (mimeo)
- GALVAN, C. G., *Capital, Tecnologia & Questionamentos*, João Pessoa, Shorin, 1982.
- HEILBRONER, R., *A História do Pensamento Econômico*, São Paulo, Nova Cultural, 1996.
- HOBBS, T., *Leviatã*, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- HUNT, E. K., *História do Pensamento Econômico*, Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- KANT, I., *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- MALTHUS, T. R., *Ensaio sobre a População*, São Paulo, Nova Cultural, 1996.
- MANTOUX, P., *La Revolucion Industrial en el Siglo XVIII*, Madrid, Aguilar, 1962.

- MARX, K., *Para a Crítica da Economia Política*, São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- MARX, K., *O Capital*, S. Paulo, Nova Cultural, 1985.
- MARX, K. & ENGELS, F., *O Manifesto Comunista*, São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- MORE, T., *A Utopia*, Nova Cultural, São Paulo, 1988.
- NISBET, R., *Social Change and History*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1969.
- NISBET, R., *História da Idéia de Progresso*, Brasília, Editora da UNB, 1985.
- RICARDO, D., *Princípios de Economia Política*, São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- SMITH, A., *A Riqueza das Nações*, São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- SMITH, A., *A Teoria dos Sentimentos Morais*, São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- STUART MILL, J., *Princípios de Economia Política*, Abril Cultural, São Paulo, 1983.
- XAVIER, U., "Neoliberalismo como visão de mundo. *Universidade e Sociedade*, ANDES - SN, São Paulo, N° 11, 1996.

